

# Uma capital segregada

O sociólogo e estatístico Marcos Vieira de Andrade, da Universidade de São Paulo (USP), afirma que existe no Distrito Federal uma clara segregação social no espaço urbano. "Asseguro que é a região que mais secciona sua população. Existem áreas que podem ser comparadas ao primeiro mundo. Em outras, estamos perto da África", ironiza.

Vieira, que nasceu em Taguatinga, acredita que não há motivo de orgulho no índice divulgado pelo IBGE. "Os ricos continuarão mais ricos, os pobres mais pobres, teremos mais desemprego e consequentemente mais violência. A maioria dos migrantes do DF é iludida porque é apresentada a um cartão postal de prosperidade, ou seja o Plano Piloto e os lagos. Na verdade são jogados bem distante do muro que protege os ricos", critica.

A criação desordenada de cidades dentro do Distrito Federal, para a psicóloga Marcela Valente, é um ciclo interminável. O ideal, segundo ela, era deixar a cidade crescer por si só e não estimular o seu crescimento. A estudiosa lembra que a falta de políticas públicas centralizadas gera insatisfação. "As pessoas não são felizes em lugares pobres. Elas são acostumadas, o que é uma situação bem diferente. É uma questão de educação do povo. Quando as pessoas percebem a situação é bem tarde. E daí nasce a revolta", analisa.

## CRESCIMENTO HISTÓRICO

**O** rápido crescimento populacional faz parte da história do Distrito Federal. Na década de 60, época da construção da capital, foram 14,4% ao ano. "A diferença é que naquela época queriam povoar o deserto que era centro do país. A princípio aqui só tinham os pioneiros. Por isso é aceitável que o número de pessoas praticamente quadruplicasse naquela época", aponta a historiadora Valéria de Lima. Segundo ela, hoje não existe a necessidade de povoar. "Brasília está apertada, não cabe mais ninguém. Não sou contra a migração, até porque sou migrante", justifica a cearense.

Valéria recorda que no mesmo ano em que Brasília era inaugurada por Juscelino Kubitschek, surgiam Sobradinho e Gama. Os novos núcleos habitacionais abrigaram operários que viviam nos acampamentos de empreiteiras, invasores do Plano Piloto e servidores públicos transferidos do Rio de Janeiro. Até a Cidade Livre, que deveria ser desativada, precisou ser transformada. Criou-se então o Núcleo Bandeirante.

"Concordo que é preciso gerar qualidade de vida. Em um lugar como a invasão da Estrutural, por exemplo, vive-se uma espécie de caos", aponta a historiadora. "Se voltarmos 40 anos no tempo, observamos que existia até uma certa ingenuidade na propaganda para atrair pessoas para Brasília. O que se falava é que aqui era a capital do futuro onde todos teriam oportunidades. Mas até oportunidade tem limite", analisa. (D.G.)